



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Adriana Zierer & Bianca Trindade Messias¹

O mundo da cavalaria do século XIII na concepção de Ramon Llull

The world of chivalry in thirteenth-century conception of Ramon Llull

Resumo:

Ser *bellator* é antes de tudo advir de uma origem nobre, composto por uma luxuosa vestimenta, com os seus armamentos de ataque e defesa praticando o seu ofício de defender a sociedade dos inimigos. Eles encontravam-se numa posição social privilegiada, o que levavam a praticarem os saques, pilhagens e a violência desobedecendo aos princípios cristãos e espalhando o terror na sociedade medieval. Com o objetivo de discipliná-los e guiá-los ao caminho da salvação Ramon Llull, filósofo catalão, escreveu *O Livro da Ordem de Cavalaria* no século XIII ensinando a ética cristã, as normas, o ofício e os requisitos para um homem se tornar um cavaleiro. Conciliando a vida heróica com a vida religiosa Ramon Llull estabelece em seu livro o modelo ideal de cavaleiro pautado nos valores cristãos.

Palavras-chave:

Ramon Llull; cavalaria; cavaleiro ideal; cristianismo.

Abstract:

To be a knight (*bellator*) is primarily come from noble origin, to possess a luxurious garment with weapons of attack and defense, and to practice the function of defending society from enemies. The *bellatores* were in a privileged social position, which led them to practice looting and violence, disobeying Christian principles and spreading terror in medieval society. In order to

¹ Adriana Zierer possui Doutorado em História, atuando como docente da UEMA e professora colaboradora no Mestrado em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É uma das coordenadoras dos laboratórios de pesquisa Brathair (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos) e Mnemosyne e uma das diretoras da Mirabilia – Revista Eletrônica de Antiguidade e Idade Média. Coordenou o projeto Representações do Cavaleiro no Imaginário Medieval (2006-2012), desenvolvido com a participação de alunos de iniciação científica; Bianca Trindade Messias graduou-se em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e foi bolsista de iniciação científica (BIC-UEMA) entre 2008-2011. Recebeu o prêmio de Melhor Bolsista na área de Ciências Humanas (2009) no XXI Seminário de Iniciação Científica da UEMA. Atualmente é membro do Mnemosyne (Laboratório de História Antiga e Medieval) e docente do Programa Darcy Ribeiro, da UEMA.

discipline their actions and guide them to the path of salvation Ramon Llull, Catalan philosopher, wrote *The Book of the Order of Chivalry* in the thirteenth century, teaching Christian ethics, standards, craft and requirements for a man to become a knight. Reconciling heroic life patterns with religious beliefs, Ramon Llull establishes in his book the model of the ideal knight guided by Christian values.

Keywords:

Ramon Llull; chivalry; ideal knight; Christianity.

1. Introdução

A sociedade feudal era constituída por três ordens: *oratores*, *bellatores* e *laboratores*, ou seja, Igreja, cavalaria e camponeses respectivamente. As três ordens são frutos de uma construção ideológica da Igreja no século XI, através de autores como Adalberón de Laon e Gerardo de Cambrai. Juntas essas ordens formam um triângulo, geometricamente composto por um vértice e uma base, sendo o ápice voltado para o céu e ocupado pelos *oratores*, enquanto a base é virada para a terra e destinada para os *bellatores* e *laboratores* (Duby, 1982: 13).

Aparentemente essa organização social representa uma desigualdade em que a ordem vem de cima, aqueles que mandam e os demais devem obedecer. Entretanto, segundo a concepção do clero, essa trifuncionalidade atendia aos desejos divinos e cada grupo necessitava do outro para desempenhar as suas funções que eram: “[...] servir a Deus, defender o Estado pelas armas, tirar da terra a alimentação.” (Duby, 1982: 16).

A estrutura social, portanto, se mantinha em equilíbrio, pois uma ordem necessitava da outra para realizar as suas atividades com o objetivo de manter a paz, a harmonia e a unidade na sociedade medieval. Em analogia está a figura da Santíssima Trindade, representada pelo Pai, Filho e Espírito Santo: três figuras que juntas formam uma única divindade criada por Deus.

Um dos pilares importantes de sustentação da Idade Média é a Igreja, detentora do saber e do poder espiritual, com um papel cada vez mais destacado na Idade Média Central, principalmente após a Reforma Gregoriana. Essa instituição indicava à sociedade como seguir os seus princípios ideológicos, especialmente por meio dos discursos clericais através da oralidade.

Georges Duby em *História social e ideologia das sociedades* (1976) entende por ideologia um sistema de representações que são construídos a partir de um sistema de valores de um determinado grupo social, que são impostos e transmitidos de uma geração a outra.

Temos assim a imagem ideal da Idade Média, segundo os *oratores* a mais perfeita criação de Deus na terra, em que a vida ganha sentido pela movimentação das leis divinas, cada ordem obedecendo-as e desempenhando as suas funções sem contestações, de acordo com as regras estabelecidas pelos eclesiásticos para o bom ordenamento da sociedade.

Os eclesiásticos para consolidarem as suas funções aqui na terra necessitavam do apoio e da ajuda dos *bellatores*. Esses eram os guerreiros da Idade Média, o único grupo social que podia pegar em armas e praticar a guerra com o objetivo de prestar obediência a Igreja, ao rei e principalmente de defender o Estado e os indefesos dos inimigos.

Apesar da hierarquização da sociedade, os cavaleiros estavam em pleno contato com todas as ordens ao respeitarem e cumprirem os discursos dos clérigos. Por meio da sua função de guerrear evitavam as rebeliões camponesas, as invasões de outros povos e estabeleciam a tão desejada paz, harmonia e estabilidade no mundo feudal.

Percebemos que a cavalaria é de extrema importância para a sociedade medieval, por defendê-la através das armas. Porém algumas de suas ações eram mal vistas pela Igreja. Um exemplo era a prática dos torneios que para os seus praticantes significava um esporte coletivo, mas os clérigos viam como: “uma exibição de glória vã em afrontamentos que às vezes provocam a morte dos homens” (Flori, 2005: 104). Além disso, os guerreiros eram envolvidos nas pilhagens, nos saques e nos pecados mundanos.

Os *oratores* possuem a função de professar a ressurreição dos corpos, a exemplo de Jesus, difundir os seus ensinamentos para todos na sociedade medieval, incluindo os cavaleiros, disciplinando-os e convertendo-os, “indicando aos *bellatores* onde está o bem e onde está o mal, erigir proibições em sua intenção, instituir valores” (Duby, 1982: 100), a fim, de fazê-los exercer a ação militar em nome de Deus para alcançarem a paz na sociedade.

Além do corpo eclesiástico que estava preocupado com a salvação espiritual e boa conduta dos indivíduos neste mundo terreno, temos também os leigos que deixaram de viver no meio mundano para dedicar-se a Deus, comprometendo-se em converter os pagãos à religião cristã, pautados nos ensinamentos bíblicos.

No interior da categoria dos leigos que passaram pela experiência divina temos a figura de Ramon Llull. Este foi um filósofo catalão do século XIII, educado na corte de Jaime I, na ilha de Maiorca, onde se tornou cavaleiro. Mas deixou essa atividade para, segundo o seu depoimento na *Vida Coetânea* (1311), atender ao chamado de Cristo. A partir de então teve o objetivo de converter os infiéis por meio de seus ensinamentos cristãos e escritos filosóficos e teológicos.

Diante do processo de evangelização dos infiéis em Maiorca, Llull esteve voltado ao grupo dos *bellatores*, pois segundo ele a Ordem de Cavalaria tinha perdido os seus ideais e era voltada a uma série de condutas ligadas aos pecados mundanos. Ele também se preocupava em garantir os interesses desse grupo na medida em que devido ao fato de vários burgueses haverem se enriquecido em Maiorca, muitos deles conseguiam comprar títulos de cavalaria sem possuírem origem nobre (Aguilar i Montero, 2010: 10). Daí que sempre insiste na sua obra no fato de que o cavaleiro deveria possuir linhagem (Llull, 2000: 53).

Com o objetivo de disciplinar os homens da guerra e garantir sua importância na sociedade, Llull escreveu *O Livro da Ordem de Cavalaria* (c. 1274-1276), uma espécie de manual pedagógico em que estão explícitos os valores morais, espirituais e éticos de como um cavaleiro deve se comportar diante da sociedade, de um combate e da Igreja.

O Livro da Ordem de Cavalaria apresenta o modelo ideal de cavaleiro prescrito pelos clérigos e ao mesmo tempo demonstra as práticas que eles deveriam evitar para não cair nos erros e prejudicar o seu destino no Além-túmulo. Também apresentava valores a serem desempenhados na sociedade medieval, com a intenção de elevar os cavaleiros à categoria de homens virtuosos, justos e conduzir a salvação de suas almas.

2. Um Intelectual do seu Tempo

Ramon Llull ou Raimundo Lúlio foi um grande intelectual do seu tempo que vivenciou a arte de guerrear e deixou-a para dedicar-se à contemplação a Deus, à conversão dos infiéis por meio de seus escritos e à pregação, com o objetivo de ensinar os ideais de um bom cristão e o caminho para se atingir o Paraíso.

Para conhecermos as experiências de vida desse pensador temos a sua autobiografia que foi ditada aos monges cartuxos de Vauvert, intitulada *Vita Coetania* (*Vida Coetânia*). Esta obra revela os principais fatos da vida de Llull, como o seu processo de conversão à religião cristã. Menciona o seu aprendizado de outras línguas com a finalidade de transmitir os seus pensamentos para os povos pagãos e também explica a produção e difusão de seus livros, que contem uma lição moral e de boa conduta para os povos terem um bom comportamento na sociedade.

A autobiografia é um gênero literário riquíssimo para os historiadores realizarem a análise da história de vida dos homens, no caso aqui, a trajetória de Ramon Llull. A partir dos seus feitos podemos entender o meio social em que ele estava inserido, os seus valores, normas de conduta e as relações sociais estabelecidas com os demais membros da sociedade que o tornaram um importante filósofo catalão do século XIII.

Ramon Llull nasceu entre os anos de 1232 e 1235 na cidade de Maiorca, uma região que era habitada por cristãos, muçulmanos e judeus, que havia sofrido o processo de expansão do reino catalão-aragonês. A conquista de territórios em Maiorca teve a participação do próprio pai de Llull que, devido aos seus serviços, obteve terras junto ao rei Jaime I (Zierer, 2008: 53).

O recebimento dessas terras na ilha possibilitou-lhe ascender socialmente e proporcionou a Llull uma educação voltada para as armas. Praticou o ofício de cavalaria e por esse motivo foi nomeado administrador da Casa Real do futuro rei Jaime II de Maiorca.

Paralelo à atividade guerreira, o jovem cavaleiro dedicou-se a arte de trovar e compor canções e ditados das “loucuras deste mundo”:

“[...] imaginando e pensando uma vã canção, e escrevendo aquela em (língua) vulgar para uma namorada, a qual naquele momento amava com um amor vil e feiticeiro, como, donde, tinha todo o seu entendimento aceso e ocupado em ditar aquela vã canção, mirando com insistência à parte direita viu Nosso Senhor Deus Jesus Cristo suspenso com os braços em cruz, muito dolorido e apaixonado” (Llull, 2013: 06).

Nesse momento em que Ramon Llull entregava-se ao amor por uma dama, recebeu a visão de Jesus crucificado. Ao vê-lo sofrendo ele sentiu medo, mas depois de várias aparições, decidiu deixar a vida mundana e servir a Deus. Assim, começa o seu processo de conversão. Este foi acompanhado por três

objetivos que consistiam em: colocar a vida para a honra de Jesus Cristo, fazer livros para a difusão de seu conhecimento, construir e edificar diversos mosteiros.

O filósofo catalão não teve acesso à universidade, porém tinha a sede de conhecimento. Dedicou-se a estudar árabe (com um escravo que mais tarde tentou matá-lo), filosofia e teologia. Viveu como um missionário laico, possuindo afinidades com as ordens mendicantes e expandiu a fé cristã para várias regiões, como a Península Ibérica e o norte da África muçulmana.

Após adquirir conhecimento sobre a vida terrena e espiritual redigiu livros pautados na *Arte lulliana* em língua catalã, divulgando-a nas universidades, e “convertendo os infiéis através de argumentos racionais da superioridade da doutrina cristã de forma que todos aderissem ao cristianismo” (Zierer, 2008: 53).

Ramon Llull foi um homem do saber que deixou uma vasta produção que perpassa as suas experiências de vida, seus pensamentos baseados na filosofia e teologia, transmitindo conceitos aplicáveis ao cotidiano com o objetivo de ensinar os valores cristãos para os povos pagãos.

Preocupado com a sociedade em que vivia, Llull escreveu um manual com a finalidade de estabelecer os valores éticos, morais e espirituais à Ordem de Cavalaria, que se encontrava perdida, segundo a sua concepção, em meio aos pecados. Por isso era necessário colocar seus membros no caminho da boa conduta e da salvação, como será visto a seguir.

3. Um Manual para os Cavaleiros

O *Livro da Ordem de Cavalaria* se insere no ciclo de *Ars compendiosa invenitudo veritatem* (1274-1283) e pertence ao início da produção literária lulliana, “[...] com propósitos artísticos, isto é, uma aplicação prática de sua Arte. Apologética e doutrinária, seu conteúdo é de forte tendência missional” (Costa, 1997: 250).

A sua obra é de fundamental importância para os cavaleiros, pois para Ramon Llull, a Ordem de Cavalaria estava passando por um processo de declínio, em que seus valores cavaleirescos tinham se perdido e suas ações voltadas para os vícios, sendo necessário guiá-los à fé por meio de regras e argumentos cristãos aplicáveis ao ofício da cavalaria.

O livro está dividido em sete capítulos que são: Do começo de cavalaria; Do ofício que pertence ao cavaleiro; Do exame do escudeiro que deseja entrar na Ordem de Cavalaria; Da maneira segundo a qual o escudeiro deve receber a cavalaria; Do significado que existe nas armas de Cavaleiro; Dos costumes que pertencem ao Cavaleiro e Da honra que deve ser feita ao cavaleiro.

Cada capítulo contém um objetivo a ser cumprido pelo futuro cavaleiro. O primeiro consiste na função que o cavaleiro possui na civilização feudal; o segundo estabelece o ofício da Ordem de Cavalaria que deve ser praticado para manter a justiça na sociedade; o terceiro descreve os requisitos que o homem deve possuir para ser tornar cavaleiro; o quarto caracteriza o ritual de investidura para o futuro guerreiro ingressar na Ordem de Cavalaria; o quinto estabelece os significados das armas utilizadas pelos guerreiros; o sexto enfatiza os vícios que os cavaleiros devem evitar e as virtudes para serem glorificadas e, por fim, o sétimo descreve a honra que a sociedade deve dar ao cavaleiro, assim como esse deve honrar a sua Ordem de Cavalaria.

A explicação da intenção do livro aparece num pequeno prólogo, que narra um diálogo entre um eremita e um aspirante à cavalaria. Os eremitas eram homens que guerreavam e deixaram as armas para viverem em plena contemplação a Deus. Na obra um ex-cavaleiro se encontrava agora num lugar paradisíaco, cercado por “uma árvore muito grande, toda carregada de frutos [...]. Debaixo daquela árvore havia uma fonte muito bela e clara [...]. E o cavaleiro havia em seu costume, todos os dias de vir àquele lugar adorar e contemplar e pregar a Deus” (Llull, 2000: 05).

Percebemos que o eremita deixou de servir as armas para dedicar-se ao seu Criador, uma prática muito recorrente entre os ex-cavaleiros, que deixaram de viver entre os leigos para destinar-se à reflexão e à meditação das maravilhas criadas por Deus em lugares distantes, que se assemelham ao Jardim do Éden.

Quando o eremita estava nesse lugar meditando, eis que vem ao seu encontro “[...] um esbelto escudeiro, só, cavalgando em seu palafrém, dirigia-se à corte para ser armado novo cavaleiro. [...]” (Llull, 2000: 05). Provavelmente o local para qual ele se dirigia estava relacionado ao dos romances franceses, na qual a corte do Rei Artur era a mais famosa. Desta forma, Llull utiliza motivos novelescos em seu livro provenientes dos textos literários da Matéria da Bretanha, como, por exemplo, o cavaleiro e o eremita.

O eremita ao ouvir que aquele seguia para uma corte para ser armado cavaleiro ficou maravilhado e perguntou se ele conhecia as regras da Ordem

de Cavalaria. O escudeiro afirmou nunca ter ouvido falar dessas regras e o eremita ficou surpreso pelo desconhecimento do *Livro da Ordem de Cavalaria*:

“[...] tu não sabes qual é a regra da Ordem de Cavalaria? E como tu podes aspirar à Cavalaria se não tens sapiência da Ordem de Cavalaria? Pois nenhum cavaleiro pode manter a Ordem que não sabe, nem pode amar sua Ordem, nem o que pertence à sua Ordem, se não sabe a Ordem de Cavalaria, nem sabe conhecer as faltas que são contra sua Ordem” (Llull, 2000: 09) (grifo nosso).

No trecho através da fala do homem mais velho é possível notar que a Ordem de Cavalaria, segundo Llull possuía uma ética cavaleiresca, cujos valores seus membros deveriam conhecer e honrar. Além disso, o ofício de cavaleiro está associado ao cristianismo, responsável em moldar a cavalaria a partir dos princípios ideológicos da fé cristã.

O eremita entrega ao escudeiro um livro que traz as normas da Ordem para que fosse transmitida a todos aqueles que desejavam ser cavaleiros. O livro é um transmissor de conhecimento das regras de cavalaria, o que “denota a sua importância para o autor. Ramon Llull viveu num momento de grande efervescência cultural, na época de criação das universidades medievais e valorizava o conhecimento obtido pelos livros e sua capacidade pedagógica” (Zierer, 2008: 61).

Foi um importante pensador que vivenciou as mudanças sentidas no século XIII, como o desenvolvimento urbano, comercial e do próprio saber onde jovens frequentavam as universidades para terem acesso ao conhecimento, e verificamos a produção e circulação de livros como forma de transmitir os ensinamentos de um determinado assunto.

O acesso ao livro na Idade Média era muito difícil devido o seu alto valor. Apesar de as normas de cavalaria estarem expressas num livro, outra forma de conhecê-las era por meio da oralidade, uma maneira bem simples de circularidade do conhecimento de Ramon Llull presente no período.

4. Os Eleitos da Ordem de Cavalaria

As características e funções da Ordem de Cavalaria são construídas e reconstruídas ao longo da Idade Média e, de acordo com determinados períodos, assumem uma função e um significado simbólico. Assim,

encontramos um conjunto de representações interligadas com o sagrado, o profano e o ideológico.

Entende-se por representação um conjunto de símbolos que são produto de reflexos dos interesses dos grupos que os forjam. As imagens são fundamentais para se construir o real. Segundo Chartier, “[...] a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é” (Chartier, 1990: 20).

As imagens não são as únicas formas de tornar visível algo que é incomum da realidade, para além delas temos também os discursos que articulando texto/contexto nos ajudam a compreender o irreal. Segundo Jacques Le Goff, “[...] a história do imaginário tem os seus documentos privilegiados e, muito naturalmente, esses documentos são as produções do imaginário as obras literárias e artísticas” (Le Goff, 1994: 13).

A literatura medieval e a iconografia são fontes riquíssimas ao descrever os costumes, a estrutura, as suas gentes que fazem parte da Idade Média, oferecendo pistas para entendermos a dinâmica da sociedade feudal e “o imaginário constrói e alimenta lendas e mitos” (Le Goff, 2009: 12). O sonho de todo cavaleiro era fazer parte de uma corte muito famosa, como por exemplo, a do Rei Artur, por ele ser muito conhecido pelas aventuras e lendas que se espalhavam por diversos lugares da Europa Medieval.

A cavalaria nasce num contexto histórico político-social particular “[...] e possui elos estreitos com a vassalagem” (Flori, 2005: 12). A ideia de vassalagem perpassa a noção de serviço que eles devem prestar à aristocracia, marcado por um ritual simbólico em que o vassalo torna homem de seu senhor e se divide em três serviços: serviço “doméstico”, serviço mercenário e serviço militar.

O serviço “doméstico” consistia na ligação direta com a casa do seu senhor e de acordo com a posição social do rei, os cavaleiros gozavam de certos privilégios; o serviço mercenário era o recrutamento de homens, incluindo os parentes próximos, e em troca de seus serviços recebiam uma remuneração, como por exemplo, um pedaço de terra, glórias, títulos entre outros prestígios.

Diante desses dois tipos de serviço, o principal era o serviço militar, pois, o cavaleiro tinha a obrigação defender o território, o rei, os indefesos, a Igreja e de realizar o alargamento e consolidação das fronteiras dos reinos em formação naquele período.

Por volta do ano 1000 a cavalaria se separa daqueles que não portam armas, no caso, a massa camponesa, e se restringe a um grupo social muito poderoso: a nobreza. Para Jean Flori a cavalaria é “[...] resultante da fusão lenta e progressiva, na sociedade aristocrática e guerreira que se implanta entre o fim do século X e o fim do século XI, de muitos elementos de ordem política, militar, cultural, religiosa, ética e ideológica” (Flori, 2005: 15).

A partir do momento em que os cavaleiros adentram ao grupo da nobreza eles se adaptam e absorvem todas as suas características, como o modo de falar, agir, vestir, de se posicionar diante daqueles que são inferiores a eles, estabelecendo o perfil e as características materiais e simbólicas dos guerreiros.

No mundo da cavalaria dois termos tendem a se confundir *Nobilis* e *Miles* pelo fato de tanto a nobreza como a cavalaria demonstrarem a sua riqueza, beleza, ou seja, as suas qualidades que os diferenciam das demais ordens. Entretanto, uma característica fundamental distinguia os guerreiros dos nobres. Segundo Jean Flori todo cavaleiro tinha que ser nobre, mas isso não significa dizer que todo nobre era cavaleiro. Por volta do século XII o grupo dos *bellatores* fica fechado aos não nobres “[...] forma-se assim uma nova classe que cavalga: a classe dos cavaleiros” (Flori, 2005: 13).

Para comprovar a sua natureza é necessário recorrer as suas raízes as quais fazem parte. Segundo Georges Duby, o estudo das linhagens das famílias nobres é muito escasso, mas conforme as fontes pesquisadas pelo autor a transmissão da hereditariedade era puramente masculina, herdando “a honra, feudo, título do sobrenome familiar, armas [...]” (Duby, 1989: 12). Diante de tais aspectos a filiação materna era relegada ao segundo plano.

Para Ramon Llull, o cavaleiro tinha que ser de origem nobre. Segundo Ricardo da Costa forma-se um corpo de elite que carrega em seu seio características que os diferenciam dos demais estamentos, equipado com seus armamentos de ataque e defesa. Além disso, o ofício e as normas de cavalaria devem ser ensinados e transmitidos de pai para filho, pois “[...] quem deseja ser cavaleiro que tenha mestre que seja cavaleiro” (Llull, 2000: 19). Percebemos que Llull exalta a importância da linhagem, pois somente alguém proveniente da nobreza pode se tornar um cavaleiro.

Estabelecida a origem dos cavaleiros, estes devem passar por uma cerimônia para ingressar a Ordem de Cavalaria que consiste no ritual de investidura (*adoubement*). Esse ritual consiste numa “[...] cerimônia de iniciação característica pelo qual um homem é feito cavaleiro” (Flori, 2005: 23). O ritual

também carrega outro significado, a passagem da vida adolescente para a vida adulta, em que o homem nobre irá assumir a postura de um guerreiro.

O verbo investir significa fornecer armas, porém “nem todo recebimento de armas é necessariamente entrada na cavalaria, nem toda concessão da espada é uma investidura” (Flori, 2005: 32). Ao longo da Idade Média são realizados vários rituais, como por exemplo, a sagração real, a homenagem das relações vassálicas entre outras. Todas essas cerimônias giram em torno de um forte simbolismo que são atribuídos aos gestos e objetos presentes no ritual.

A partir da segunda metade do século XI torna-se comum armar um cavaleiro. O ritual varia de acordo com o lugar e com as épocas, em algumas regiões restringia-se apenas a entrega das armas e em outros há uma cerimônia longa realizada pelo bispo, geralmente no período das festas religiosas como Pentecostes, São João e outras.

Segundo Marc Bloch o ritual tem várias fases e vai se aperfeiçoando com o tempo, principalmente nos séculos XIII e XIV. Primeiramente o cavaleiro deveria confessar das faltas que fez contra Deus e passar a noite jejuando em vigília na igreja. Ao amanhecer tomava um banho como símbolo do batismo e em seguida vestias as roupas representando a purificação.

Acompanhado pelo padrinho que o investiu, esse lhe dava uma bofetada, como forma de transmitir a força, os ensinamentos e lembrar-lhe de quem o estava sagrando. Aquele que foi investido, por sua vez, também deveria retribuir a bofetada, pois segundo Bloch, “um cavaleiro jamais deve receber (uma) sem dar outra em troca” (Bloch, 1987: 369).

O bispo era o responsável pela celebração, na qual era realizada uma missa cantada solenemente expondo “[...] os catorzes artigos nos quais é fundada a fé, os dez mandamentos e os sete sacramentos da santa Igreja” (Llull, 2000: 69). É fundamental a exposição de todos os requisitos da Igreja para que o cavaleiro se lembre da base de sustentação de toda a Ordem de Cavalaria, que são os princípios cristãos, para que ele não caia em pecado e possa manter puro e justo o ofício de guerrear.

O cavaleiro caminhava diante do altar e se oferecia ao presbítero, “[...] diante do altar, deve ajoelhar-se e levantar seus olhos, corporais e espirituais, a Deus e suas mãos a Deus” (Llull, 2000: 73). Somente Deus é superior a todas as coisas terrenas, diante Dele o homem medieval tinha que se ajoelhar e glorificá-lo pelas graças alcançadas na vida terrena, e pedir proteção para a carreira militar em que o aspirante a cavaleiro estava sendo armado.

Antes de entregar os instrumentos de trabalho aos cavaleiros, eles são abençoados. Para Llull, cada armamento carrega um significado militar e cristão como podemos observar no quadro a seguir (Quadro 1):

Quadro 1. Significado dos Armamentos dos Cavaleiros no *Livro da Ordem de Cavalaria*

ARMAS	SIGNIFICADO MILITAR	SIGNIFICADO CRISTÃO
LANÇA	OFENSIVO	VERDADE
ESPADA		CRUZ
ELMO	DEFENSIVO	VERGONHA
COTA METÁLICA		CASTELO
ESCUDO		OFÍCIO DE CAVALEIRO

(Fonte: Messias, 2012)

Um cavaleiro para realizar o seu ofício de guerrear tinha que estar equipado com os seus armamentos dos pés à cabeça. Percebemos no Quadro 1 que a maior parte das armas são defensivas, pois consistem em proteger o cavaleiro ao se expor num combate.

O elmo protege a parte mais importante do corpo, a cabeça, para que o cavaleiro não perca a razão e não provoque nenhuma maldade, sendo a vergonha, o pilar do significado cristão que eles devem ter ao descumprir as regras de cavalaria.

A cota metálica é completamente fechada e está associada ao significado do castelo, sendo uma barreira de proteção contra os vícios que poderão levar os combatentes a pecarem. O escudo triangular ou redondo é o símbolo de identidade de todo combatente que o carrega por onde passa, enfatizando a sua posição social e serviço na sociedade.

A espada é uma arma de ataque, faz uma alusão à cruz, pois, como Jesus morreu na cruz para salvar a humanidade dos pecados e venceu a morte na ressurreição, assim, cavaleiro deve utilizar a espada para manter a justiça. A lança significa força de coragem, da verdade que age contra a falsidade, a verdade deve ser transmitida para todos e aplicada pelos cavaleiros.

Após a bênção dos armamentos, o cavaleiro fazia um juramento diante de todos e nele podemos identificar os seus valores que são:

“Três valores são possíveis. O juramento cavaleiresco pode ter um significado *ético-religioso*, que o coloca na mesma linha dos votos religiosos; o seu conteúdo e o seu significado também podem ser de caráter *erótico romântico* e, por último, o juramento pode ter se reduzido a um simples *jogo da corte*, nada além de entretenimento” (Huizinga, 2010: 140) (grifos nossos).

De acordo com a finalidade de realizar a investidura ela terá um significado, mas prevalecia o de caráter ético religioso em que o cavaleiro se compromete diante de todos a cumprir com o seu juramento prestado no ritual de investidura e proteger a Igreja, o Estado e os indefesos.

O caráter erótico romântico estava relacionado ao amor cortês que era presente nos romances de cavalaria, no qual o *bellator* realizava seus feitos em nome da amada e se submetia aos seus caprichos. Por fim, o jogo da corte consistia nas relações de negociação, fidelidade e companheirismo estabelecidos entre o cavaleiro e o seu senhor.

Após o juramento o cavaleiro deveria cavalgar e se mostrar à população. Era realizada uma grande festa, na qual este recebia e entregava presentes aos participantes da cerimônia e praticava o seu ofício em grandes torneios.

A Ordem de Cavalaria possui um perfil que se diferencia das demais ordens da sociedade e para entendermos esse perfil iremos analisar a imagem a seguir, pois “as pinturas não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem lidas” (Burke, 2004: 44). O conceito de imagem (do latim *imago*) está ligado aos objetos figurados (pinturas, miniaturas, entre outros), às imagens da linguagem (metáforas e alegorias das obras literárias e da pregação) e às imagens mentais (relacionadas aos sonhos e visões) (Schmitt, 2006: 593).

Por esse motivo, embora a iluminura a seguir não seja exatamente do período do escrito de Llull, ela nos auxilia a compreender elementos que simbolizam as “marcas” do cavaleiro, através dos seus armamentos, dos seus subalternos e do seu complemento na guerra, o cavalo. Iremos nos deter à postura, aos gestos e aos acessórios do modelo do cavaleiro a seguir.

A *imagem 1* mostra uma cena cuja temática principal é a cavalaria, tendo como centro a figura de William, o Conquistador, rei da Inglaterra após a vitória na Batalha de Hastings (1066). A representação do soberano é do século XIV e destacaremos os principais aspectos do guerreiro a cavalo, procurando compreender sua associação com o ideal proposto por Llull.

Imagem 1



Imagem 1. Rei William I, o Conquistador. Acompanhado por cavaleiros e soldados. Biblioteca Britânica, Londres. Séc. XIV. Cott. D. II. Fol. 33.

Na cena vemos a importância de ser cavaleiro no século XIV, pois houve intenção em retratar o rei como um homem de armas, ao passo que a dignidade régia poderia ter sido representada de outra maneira, através do soberano William sentado num trono e portando as dignidades reais, por exemplo.

Salientamos na iluminura que a principal característica do *bellator* era a luta a cavalo, seu fiel companheiro, ambos posicionados no primeiro plano. É perceptível a grandiosidade desse homem, dispondo de uma postura ereta e forte, expressando as suas qualidades guerreiras. Sua alta posição social é explícita, pois é representado coroado e portando um escudo com três leões dourados sob um fundo vermelho, como suas vestimentas e o manto de seu cavalo.

O vermelho, que é uma cor bem quente, atrai de imediato o olhar do observador. A imagem do leão representa tanto um símbolo do poder régio dos soberanos da Inglaterra, como a coragem e a força que o combatente deve possuir ao guerrear. Esses elementos estavam associados aos monarcas ingleses na heráldica. Os três leões, como apresentado na iluminura só foram usados a partir de Ricardo I (*Coeur de Lion*) no século XII.

Percebemos que o cavalo também recebe uma atenção especial, ele é todo ornamentado, equipado com sela, freios e rédeas, é ele quem irá conduzir os cavaleiros ao longo das suas aventuras.

Em segundo plano temos os escudeiros, esses andavam a pé e eram “encarregados de cuidar dos animais e de conduzir, durante o caminho as montanhas sobressalentes” (Bloch, 1987: 344). Os escudeiros são menos expressivos do que o cavaleiro, estando dispersos entre si e ao mesmo tempo ao redor do cavaleiro, enfatizando que estão prontos a segui-lo.

Para ser um guerreiro profissional ele tinha que possuir um equipamento completo, que, com o tempo, ia se aperfeiçoando e tinha um alto custo, restringindo o acesso apenas aos nobres, fato salientado por Llull em sua obra. Ele afirma que só poderia ser cavaleiro aquele que tivesse recursos para a compra dos equipamentos da guerra e do cavalo e sempre insiste no fato de que o cavaleiro deveria ter origem nobre.

Os armamentos de destaque na imagem são a espada e o escudo. Um detalhe importante é a coroa, símbolo do rei, que além de exercer o poder político participava das guerras, comandando a sua comitiva.

Portanto, o desempenho da função do cavaleiro era de extrema importância para a sociedade medieval, comandados pelo seu senhor guerreavam com um objetivo a ser alcançado para garantirem a harmonia e a paz no mundo feudal. Os *bellatores* além de cumprirem com sua função na sociedade participavam de várias aventuras como veremos a seguir.

5. As Aventuras Cavaleirescas e os Pecados Mundanos

Os guerreiros não devem temer os perigos das aventuras e devem ser repletos de nobreza de coragem e de bons costumes para enfrentar os males, segundo Llull. A partir dos ensinamentos cristãos, alcançariam a nobreza de coragem e os bons costumes, pois cavaleiros “sem nobreza de coragem não convêm com Ordem de Cavalaria; porque nobreza de coragem foi o começo da cavalaria e vileza de coragem é a destruição da Ordem de cavaleiro” (Llull, 2000: 53).

A vileza de coragem era muito presente no mundo da cavalaria, no qual muitos justavam entre si por motivo de vingança e até mesmo de inveja, o que provocava a morte de vários homens. Porém, não só nobreza de coragem fazia um cavaleiro, segundo Llull era necessário que ele enriquecesse e fortalecesse a sua alma: “Se cavalaria fosse mais conveniente à natureza do corpo do que a virtude da alma, e isso não é verdade, uma vez que a nobreza de coragem que convém à Cavalaria convém melhor com a alma do que com o corpo” (Llull, 2000: 59).

Para que mantivessem o corpo e a alma em harmonia, deveriam seguir os preceitos dos eclesiásticos que consistiam em ir à igreja, rezar, se confessar e pedir a proteção de Deus ao longo de suas andanças. Entretanto, a cavalaria estava perdendo os seus valores cristãos e voltando-se para os pecados mundanos praticando as justas e os torneios, atividades mal vistas pela Igreja.

Afastados do seu verdadeiro ofício que consistia em manter e defender a Igreja, essa instituição era a responsável pela legitimação da ação dos combatentes ao realizar o ritual de investidura. “O ofício de cavaleiro é manter e defender o senhor terreno, pois o rei, nem o príncipe, nem nenhum outro barão sem ajuda poderia manter justiça e, suas gentes [...]” (Llull, 2000: 29). Os cavaleiros devem ter compromisso com o seu rei, pois esses são os seus comandantes, que irão lançá-los numa determinada missão militar.

“Ofício de cavaleiro é manter viúvas, órfãos, homem despossuídos: porque assim como é costume e razão que os maiores ajudem a defender os menores, e os menores achem refúgio nos maiores, assim, é costume da Ordem de Cavalaria que, por ser grande e honrada e poderosa, vá em socorro e ajuda daqueles que lhe estão por debaixo em honra, e em força” (Llull, 2000: 37).

Percebemos no fragmento acima que o cavaleiro tinha a função de proteger os indefesos, porém eles se encontravam superiores em relação aos desprovidos de armas. Ao estarem montados em seus cavalos expressavam toda a sua grandiosidade, força e coragem, além de menosprezarem e atacarem os membros inferiores da sociedade, espalhando o medo e o terror entre eles.

O ofício de cavaleiro perpassa a hierarquização social por prestarem serviço à Igreja, nobreza e aos camponeses. Desta forma, a cavalaria, segundo Llull deve auxiliar todas as ordens sociais. Assim, o combatente “[...] não tem ofício de cavaleiro quando ama tanto a sua Ordem que menospreza e desama outra Ordem” (Llull, 2000: 25). A Ordem de Cavalaria de acordo com o pensamento luliano deve amar e proteger todos os membros da sociedade por meio das armas, garantindo a segurança de todos.

As atividades que exercitavam os homens no ofício da guerra eram os torneios e as justas. Os torneios surgiram por volta do século XII. Consistiam numa atividade coletiva que “colocava o cavaleiro em situação real de combate” (Flori, 2005: 99). As justas, surgidas mais tarde, consistiam em um confronto individual em que o cavaleiro tinha que demonstrar as suas habilidades no manuseio das armas para vencer o oponente.

O perigo do torneio pode ser exemplificado na imagem a seguir.

Imagem 2



Imagem 2. Miniatura extraída do *Livre des Tournois*, feita para Luís de Gruuthuse. Século XV. Paris, Biblioteca Nacional da França, Ms. Fr. 2692, fol. 68.

Jérôme Baschet definiu as imagens como “imagem-objeto”, ao analisá-las devemos observar a sua materialidade e os significados que elas carregam em si mesmas, pois a imagem-objeto é ativa.

“A própria imagem vive e se transforma, simultaneamente, no tempo breve de um ritual (ela é transportada, vestida, coberta e depois descoberta) e no tempo mais longo de sua própria história (repinturas, modificações, deslocamentos, reutilizações...). Viva, a imagem é por consequência mortal, e seria útil precisar sua ‘esperança de vida’ – que varia de acordo com os tipos de objeto e de funções, sendo em geral mais curta do que se pensa” (Baschet, 1996: 6-7).

As imagens carregam os seus significados simbólicos, os seus rituais, e suas interpretações que variam de acordo com o observador, com o contexto e o próprio lugar social em que estão inseridos. Observando a imagem percebemos o triunfo da cavalaria ao praticar uma de suas atividades favoritas,

os torneios, porém essa prática era mal vista pelos clérigos por provocar a morte de vários homens. Temos assim o choque de olhares diante de um ritual comum na sociedade feudal.

A imagem exibe um grande torneio que aparenta uma nítida desorganização principalmente no lado esquerdo, comparando com um jogo de futebol, ganha a equipe que está mais bem treinada e em harmonia para vencer o adversário.

Existe a demarcação do espaço e da divisão dos grupos através de uma cerca que separa os de dentro em oposição aos de fora. Ao longo da atividade existem aqueles homens que se destacam, atacam rápido se isolam do grupo, ou se afastam para perseguir o fugitivo, correndo um forte perigo de serem capturados pelos adversários.

Percebemos que existe um público que está admirando o torneio e se concentra na parte de cima, composto por damas e reis que apreciavam o combate e observavam aqueles que se destacavam, para oferecer prêmios, ou a mão de uma dama.

A prática dos torneios ocorria em campos, bosques e pastagens, uma área vasta, aberta e mal delimitada. O combate era dividido em duas áreas “os de dentro” colocados em oposição de ataque “aos de fora”. O objetivo não era matar o oponente, mas vencê-lo e se apossar dos seus armamentos e cavalos.

Era praticado principalmente por jovens nobres que viam os torneios como uma ocasião propícia para um combatente demonstrar coragem, honra, ganhar prestígio, ou seja, uma reafirmação dos elementos da nobreza. Os torneios tinham uma função militar, treinar os cavaleiros para as guerras, mas também possuíam um caráter honorífico, com premiação para os vencedores e muitos viam a esperança de “ascensão social e de promoção econômica” (Flori, 2005: 106).

A Igreja condenava severamente a prática das justas e principalmente dos torneios, vistos como jogos pagãos e por provocarem a desordem na sociedade. Além disso, reunia os sete pecados capitais em oposição às virtudes que são:

Quadro 2. Vícios e Virtudes no *Livro da Ordem de Cavalaria*

VIRTUDES		VÍCIOS
TEOLOGAIS	FÉ	LUXÚRIA
	ESPERANÇA	AVAREZA
	CARIDADE	IRA
CARDEAIS	JUSTIÇA	INVEJA
	PRUDENCIA	SOBERBA
	FORTALEZA	ORGULHO
	TEMPERANÇA	GLUTONIA

(Fonte: Messias, 2012)

Percebemos no *Quadro 2* que são as sete virtudes divididas em três teologais e quatro cardeais que estão em oposição aos vícios, ou seja, os sete pecados capitais. Seguindo o pensamento de Ricardo da Costa, Zierer afirma que:

“a ética luliana era construída por meio de contrários, a chamada ética da polaridade, por meio dos princípios de concordância e contrariedade, de perfeição e imperfeição que podiam encontrar-se no substrato ideológico da época, baseada na disputa entre vícios e virtudes” (Zierer, 2008: 65).

Os vícios são constantemente presentes e praticados pelos cavaleiros, reinando principalmente durante os torneios, atividade favorita dos guerreiros e encontro dos pecados mundanos, em que verificamos o desempenho da **inveja** de seu próximo, por ser melhor nas armas e mais forte; a **ira** em que eles ferem e matam sem piedade; a **avareza** ao realizarem as guerras privadas, visando o lucro e aprisionando o adversário, esperando a recompensa do

resgate; a **gula** ao participarem de muitas festas que oferecem muito comer e beber; a **soberba** exibindo a sua vaidade; o **orgulho** em que louvam as suas glórias e conquistas; a **luxúria** ostentando a sua posição social de ser nobre e agradando as damas.

Os vícios desestruturam a Ordem de Cavalaria e prejudicam as almas desses guerreiros, levando-os a pecar (Aguilar i Montero, 2010: 8). Em oposição aos vícios temos as virtudes, que fortalecem e protegem as almas dos homens para que eles não se percam nos pecados do mundo. Ambos estão em constatare dualidade. Destacamos no pensamento de Llull a fé *versus* a luxúria.

A fé é a maior manifestação de Deus que os cavaleiros podem utilizar para se aproximar do Criador. Entretanto, muitos são luxuriosos, valorizam mais a “juventude, belas feições, muito comer e beber, ornadas vestimentas, ocasião propícia de falsidade, traição, injúria, menosprezo de Deus e do Paraíso, e pouco temor das infernais penas e as outras armas semelhantes a estas” (Llull, 2000: 97).

A luxúria é um dos principais pecados cometidos pelos cavaleiros, por eles desejarem ser superiores ao seu próximo. Minados de orgulho e inveja para conseguirem o reconhecimento na Ordem de Cavalaria eles trapaceiam, mentem e matam os próprios companheiros da sua ordem.

Além disso, segundo o *Livro da Ordem de Cavalaria*, muitos guerreiros violentavam as mulheres, destruíam as terras e maltratavam os camponeses, o que ia contra a sua função na sociedade. Por isso, para Llull, os “maus cavaleiros”, que na prática eram a maioria desse grupo, deveriam ser expulsos da Ordem da Cavalaria.

Saques, pilhagens, guerras privadas são algumas *pulsões agressivas* praticadas pelos combatentes, de acordo com o filósofo catalão. Segundo Nobert Elias “só poderemos falar em ‘pulsões agressivas’ se permanecermos conscientes de que ele se refere a uma função pulsional particular dentro da totalidade de um organismo, e de que mudanças nessa função indicam mudança na estrutura da personalidade como um todo” (Elias, 1994: 190).

As pulsões agressivas representavam para os cavaleiros a ascensão social, o êxito de glórias, louvor e a reafirmação da sua origem nobre dentro de uma sociedade hierárquica, porém aos olhos dos clérigos essas atitudes eram ações da cavalaria de Satã e não de Deus.

Para controlar as ações dos cavaleiros e estabelecer as regras que visam limitar o seu ofício de guerrear, é necessário lidar com a própria “estrutura do

comportamento civilizado, pois está estreitamente inter-relacionado com a organização das sociedades ocidentais sob a forma de um Estado” (Elias, 1994: 16).

Transformar o comportamento humano é interferir na estrutura psíquica e na personalidade do indivíduo e essas mudanças ocorrem lentamente. Com o fortalecimento régio a partir da Idade Média Central fez com que os cavaleiros tivessem um autocontrole de suas agressividades através da difusão de manuais educativos.

Os intelectuais da Idade Média eram os responsáveis pela produção e difusão dos valores cristãos aos medievos. A transmissão dos manuais se dava através dos livros, porém esses eram muito caros, dificultando o acesso. A forma mais simples de todos conhecerem e absorverem a ética cristã era através da oralidade, permitindo a circularidade do conhecimento.

Para Ramon Llull “faltou caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo; começou inimizade, deslealdade, injúria, falsidade [...]” (Llull, 2000: 13). Observando os pecados reinando no mundo dos *bellatores*, Llull escreveu *O Livro da Ordem de Cavalaria* pautado em argumentos racionais cristãos com o objetivo de disciplinar e transformar os cavaleiros em soldados de Cristo.

5. Conclusão

A civilização feudal é apresentada como um mundo perfeito composto pelos *oratores*, *bellatores* e *laboratores*. A imagem ideal da sociedade feudal foi perpassada de geração a geração, fortemente pela literatura, porém na prática alguns grupos desviavam as suas ações da verdadeira função que deveriam exercer no meio social, como os cavaleiros em que os clérigos e os camponeses são dependentes deles por protegê-los dos inimigos.

Os cavaleiros são um grupo móvel que busca aventuras nas terras distantes. Aproveitam todas as oportunidades para praticarem a caça, os torneios, as justas, as guerras privadas, entre outras atividades. Essas ações inerentes à cavalaria foram definidas pelo Nobert Elias como pulsões agressivas.

As agressividades são particulares aos guerreiros medievais da Idade Média Central que ao exercerem a ação militar de forma violenta provocam mudanças na personalidade e no comportamento de todo o grupo. Eles

espalham o medo e eram mal vistos pelos clérigos por provocarem a morte de vários homens e a desordem na sociedade.

Uma das formas bem simples de educá-los era por meio da pregação. Os clérigos, com o seu dom da oralidade transmitiam os ensinamentos de Jesus e as maneiras como os cristãos deveriam agir neste mundo, pautados nos valores ideológicos dos *oratores* para a obtenção da salvação. Temos assim *O Livro da Ordem de Cavalaria*.

Atuando com a Igreja no processo de cristianização dos guerreiros, este manuscrito era um manual pedagógico destinado aos nobres que desejavam ingressar nessa Ordem para que conhecessem as regras e a função do seu ofício.

O principal objetivo da obra é difundir o conhecimento sobre o ofício de cavaleiro a partir da ética da polaridade. Assim, são explicadas as boas ações que eles devem fazer e as más que devem evitar realizar. São indicadas também consequências para os maus atos, caso ajam de forma condenável aos olhos da Igreja.

O *Livro da Ordem de Cavalaria* enfatiza a complementaridade que deve existir entre o combatente e os clérigos, pois aqueles que visam ser armados cavaleiros devem aprender a viver, a se comportar, a realizar o seu ofício de guerrear com base nos ensinamentos cristãos. Além disso, são os *bellatores* que conseguem impor pela força a paz na sociedade e impedem que os camponeses se revoltam, atuando para garantir a ordem social vigente. Nela, os trabalhadores do campo sustentam os guerreiros e os clérigos através do seu trabalho e os últimos tem a função de rezar pela salvação da sociedade.

A concepção de mundo hierárquico, na qual o camponês, jamais poderia sair da sua ordem, isto é, jamais poderia ser cavaleiro, exposta por Llull em seu livro, ia ao encontro da teoria da trifuncionalidade social, defendida por autores medievais como Adalbéron de Laon e que foi analisada por Duby no seu livro *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. O filósofo maiorquino também procurava impedir com o seu manual que pessoas enriquecidas, mas sem origens nobiliárquicas, ingressassem na cavalaria.

A Igreja é uma instituição viva e presente na sociedade medieval, responsável em levar o seu rebanho à salvação e ao disciplinar os cavaleiros estabelece limites através da Paz de Deus (proibição em atacar os “fracos”) e a Trégua de Deus (proibição de lutas alguns dias da semana). Mas a maior operação realizada pelos eclesiásticos, visando conciliar a atividade militar com a ética cristã foi a Cruzada.

Portanto, *O Livro da Ordem de Cavalaria* propõe elementos de transformação comportamental dos cavaleiros, pautados nos valores cristãos, visando um modelo possível de convivência com todas as ordens, para que os combatentes cumpram com os seus deveres de utilizar as armas para proteger os construtores da Igreja, o rei e os indefesos de todo mal que possa desestruturar a paz da sociedade feudal.

Referências

Fontes

Ramon Llull. (2000). *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Editora Giordano.

Ramon Llull. *Vida Coetânea*. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/vidacoetania.pdf>. Acesso em 31/07/2013.

Obras Teóricas

Baschet, J. (1996). Introdução: a imagem-objeto. In: Schmitt, Jean-Claude et Baschet, J. *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval* (pp. 07-26). Paris: Le Léopard d'Or, p. (tradução: Maria Cristina C. L. Pereira).

Burke, P. (2004). *Testemunha ocular: História e imagem*. Bauru: EDUSC.

Chartier, R. (1990). *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Duby, G. (1995). História Social e Ideologia das Sociedades. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (orgs.). *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Elias, N. (1994). *O Processo Civilizador* (vol. 2): uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Le Goff, J. (1994). *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa.

Pesavento, S. (1995). Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29.

Schmitt, J-C. (2006). Imagem. In: Le Goff, J., Schmitt, J-C. (coords.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (pp. 591-605). vol. 1. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC.

Schmitt, J-C. (2007). *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC.

Obras Gerais

Baschet, J. (2006) *A Civilização feudal*. São Paulo: Globo.

Bloch, M. (1987). *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70.

Le Goff, J. (2007). *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes.

Le Goff, J. (2008) *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Le Goff, J. (2009) *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Obras Específicas

Aguilar y Montero, M. (2010). El *Llibre de L'Ordre de Cavalleria* en el Context Sociocultural Medieval. *Tirant*, vol. 13, 05-14. Disponível em: <http://parnaseo.uv.es/Tirant/Butlleti.13/01%20Aguilar.pdf>
 Acesso em 09/12/2013.

Costa, R. (2001). La Caballería Perfecta y las Virtudes del Buen Caballero en el *Libro de la Orden de Caballería* (Ca. 1279-1283), de Ramon Llull (pp. 11-40). In: Fidora, A./Higuera, J. G. (eds.). *Ramon Llull: Caballero de la Fé. El Arte Luliano y su Proyección en la Edad Media. Cuadernos de Anuario Filosófico*. Pamplona: Universidad de Navarra, Serie de Pensamiento Español.

Costa, R. (2009). O projeto civilizacional cristão para conter as pulsões agressivas e a violência da cavalaria medieval In: Bustamante, R. M. da C., Moura, J. F. de (orgs.). *Violência na História* (pp. 237-248). Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ.

Costa, R. (1997). Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: o *Libro del Orden de Caballería*. *Revista Mediaevalia*. Textos e Estudos. Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras do Porto e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, nº 11-12, 231-252.

- Costa, R. e Zierer, A. (2008). Os Torneios Medievais. *Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales*, v. 3, 01-15. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/pub/torneios.htm>. Acesso em 20/07/2013.
- Duby, G. (1982) *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa.
- Duby, G. (1989). *A sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes.
- Flori, J. (2005). *A cavalaria*. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras.
- Fidora, A. & Higuera, J. G. (eds.) (2001). *Ramon Llull: Caballero de la Fé*. El Arte Luliano y su Proyección en la Edad Media. *Cuadernos de Anuario Filosófico*. Pamplona: Universidad de Navarra, Serie de Pensamiento Español.
- Huizinga, J. (2010). *Outono da Idade Média*. São Paulo: COSACNAIF.
- Maíz Chacon, J. (2005). La argumentación filosófica del caballero medieval. El modelo e ideal luliano en el *Libre del Orde de Cavaleria*. *Mirabilia*, v. 5, 01-09. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2005_05.pdf Acesso em 09/12/2013.
- Messias, B. (2012). *O combate pela salvação: dinâmica dos cavaleiros segundo a Visão de Túndalo e O Livro da Ordem de Cavalaria*. Monografia de Conclusão de Curso em História. São Luís, Universidade Estadual do Maranhão.
- Zierer, A. (2008). O modelo pedagógico de cavaleiro segundo Ramon Llull. In. Machado, M. C.; Oliveira, T. (orgs.). *Educação na história* (pp. 53-72). São Luís, Ed. UEMA.
- Zierer, A. (2009). O Cavaleiro Ideal segundo Ramon Llull. In: Rigueiro García, J. (org.). IX Jornadas de Estudios Medievales. *Actas...* Buenos Aires: SAEMED, 01-12.
- Zierer, A. (2011). *O Livro da Ordem de Cavalaria*, de Ramon Llull: uma proposta pedagógica de sociedade na Idade Média. *Notandum*. São Paulo (USP), v. 27, 171-187. Disponível em: <www.hottopos.com/notand27/index.htm>. Acesso em 20/10/2013.

Créditos das Imagens

Zierer, Adriana & Messias, Bianca Trindade
O mundo da cavalaria do século XIII na concepção de Ramon Llull
www.revistarodadafortuna.com

Imagem 1. *Rei William I, o Conquistador*. Acompanhado por cavaleiros e soldados. Biblioteca Britânica, Londres. Séc. XIV. Cott. D. II. Fol. 33.
Disponível em: <http://www.lessingimages.com/viewimage.aspx?i=32010552+&cr=19&cl=1> Acesso em: 25/08/2013.

Imagem 2. Miniatura extraída do *Livre des Tournois*, feita para Luís de Gruuthuse. Século XV. Paris, Biblioteca Nacional da França, Ms. Fr. 2692, fol. 68. Disponível em: Huizinga, J. (2010). *Outono da Idade Média*. São Paulo: COSACNAIF, p. 124.

Recebido: 02 de setembro de 2013
Aprovado: 08 de dezembro de 2013